
ECOLOGIA

ANTONIO MIRANDA DE ANDRADE NETO

**O PAPEL DA REGA (REDES DE GRUPOS DE
AGROECOLOGIA DO BRASIL) NA
ARTICULAÇÃO DOS GRUPOS DE
AGROECOLOGIA NO BRASIL**



Rio Claro
2016

ANTONIO MIRANDA DE ANDRADE NETO

O PAPEL DA REGA (REDES DE GRUPOS DE AGROECOLOGIA DO
BRASIL) NA ARTICULAÇÃO DOS GRUPOS DE AGROECOLOGIA NO
BRASIL

Orientadora: Profª Dra Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Ecólogo.

Rio Claro

2016

574.5 Andrade Neto, Antonio Miranda de
A553p O papel da REGA (Redes de Grupos de Agroecologia do
Brasil) na articulação dos grupos de agroecologia do Brasil /
Antonio Miranda de Andrade Neto. - Rio Claro, 2016
42 f. : il., figs., gráfs., forms., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Ecologia. 2. Juventude. 3. Coletivos. 4. Movimento
estudantil. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus antepassados por estar onde estou.

Agradeço aos meus colegas de curso de Ecologia e de toda a Unesp- Rio Claro, pelos anos lado a lado.

Agradeço ao povo Rio Clareense que me acolheu e somente nos últimos anos da universidade percebi a magnitude da bolha que é a Unesp.

Agradeço a esse espaço cedido onde posso me manifestar sem normas.

Agradeço a minha família: Barbára, Anna Carolina, Renata, Antonio e Jasmim e outros tantos

Agradeço aos projetos de extensão que foram responsáveis por grande parte do meu aprendizado e se não fossem por eles talvez eu não teria concluído o curso.

Agradeço a minha parceira Tainara por estar do meu lado e me estimular em todos os momentos.

Agradeço a minha orientadora Bernadete que apesar das minhas ausências acreditou em mim!

Agradeço ao povo da REGA que luta sem perder o brilho nos olhos!

Agradeço a todos os camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e caiçaras pela resistência.

Agradeço pela oportunidade de estar aqui, do lado de quem estou, presente ,vivo, lutando, aprendendo, crescendo e se mexendo.

Que você possa aceitar-se exatamente como você é. Que você possa conhecer a alegria natural da estará vivo. Que você seja feliz

RESUMO

O modelo do agronegócio que teve início com a Revolução Verde na década de 60 vem trazendo sérios problemas ambientais e sociais. Hoje a agroecologia tem se mostrado uma das mais claras expressões de um movimento de luta, resistência e transformação da relação do homem com campo. No âmbito da juventude, muitas dessas iniciativas estão vinculadas a estudantes, organizados em Grupos de Agroecologia e em outras entidades. Com isso em 2009 junto ao VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e II Congresso Científico Latino-americano de Agroecologia em Curitiba, um espaço denominado ENGA (Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia) é criado para fomentar a discussão e troca de experiências entre os grupos de todo o Brasil, que sentiram a necessidade da criação desse espaço para troca de experiências e debates. Já no segundo ENGA no Rio de Janeiro em 2010, foi criada a REGA (Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil) uma rede para articulação contínua dos grupos, que funciona através de uma plataforma online para fomentar o debate e as ações dos grupos, dentro e fora da universidade. Anualmente o evento (ENGA) vem acontecendo, o que possibilitou o desenvolvimento e amadurecimento do coletivo, dando lugar a debates junto a professores e entidades representantes da agroecologia no Brasil. O objetivo desse trabalho é compreender o papel que a REGA vem exercendo junto aos grupos e entre os grupos de agroecologia do Brasil, caracterizando os grupos, suas dificuldades e visualizando os assuntos tratados na rede, através de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes dos grupos e de pesquisa de materiais disponíveis na REGA. As entrevistas, aplicadas online, ficaram disponíveis de outubro de 2015 a março de 2016, onde 21 pessoas responderam, totalizando 18 grupos. As análises dos dados foram realizadas de maneira descritiva. Os participantes eram em sua grande maioria da região sudeste do Brasil, com idade de 20 a 29 anos e com algum vínculo universitário. Todos os grupos fazem reuniões presenciais e também utilizam plataformas digitais para a comunicação, sendo o e-mail a mais citada. O principal assunto tratado na rede é a articulação em nível nacional. Em relação aos pontos fortes e fracos da rede, a autonomia e a autogestão foram assuntos que surgiram em ambos os lados, sugerindo que a rede deve trabalhar essa questão com maior profundidade. Apesar do crescimento da rede e do estabelecimento de vínculos importantes, o momento para a agroecologia no Brasil é delicado, com a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

PALAVRAS CHAVES: Juventude; Coletivos; Movimento Estudantil

Legenda de tabelas

Tabela 1: Dados etários dos participantes.....	19
Tabela 2: Dados dos e-mails enviados na rede de 2011 a 2014.....	21
Tabela 3: Localização dos grupos por Estado Brasileiro.....	22
Tabela 4: Resposta dos participantes sobre o acompanhamento de e-mails da REGA	23
Tabela 5: Resposta dos participantes sobre o conhecimento das ações da rede.....	23
Tabela 6: Contribuições da rede para o grupo.....	26
Tabela 7: Percepção dos entrevistados em relação às fortalezas da rede.....	27
Tabela 8: Percepção dos entrevistados em relação às fraquezas da rede.....	28

Lista de Figuras

Figura 1: Reunião dos coletivos durante o Fórum Social Mundial de 2009 em Belém – PA, área do grupo IARA-UFRA.....	11
Figura 2: Tabela de e-mails compartilhados no Grupo por Meses nos Anos de 2011 a 2015, organizado automaticamente pela própria ferramenta Yahoo Groups®.....	20
Figura 3: Frequência da participação e interação dos grupos na rede, nas escalas: local, regional e nacional.....	25

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	5
	1.1 Redes e pesquisa na internet.....	9
	1.2 Introdução à história da REGA.....	10
2	OBJETIVO.....	17
	2.1 Objetivos Específicos.....	18
3	METODOLOGIA.....	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
	4.1 Caracterização dos participantes.....	19
	4.2 Caracterização geral dos Grupos.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
7	APÊNDICE.....	38

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a questão ambiental tem cada vez mais gerado discussões acerca do padrão de desenvolvimento sustentável e suas interações com as esferas: econômica, social ambiental e cultural (ASSIS, 2003).

Nesse contexto, a agricultura tem sido considerada uma das principais causadoras dos problemas ambientais da atualidade; contudo isso não é resultado de uma evolução histórica automática e incontornável, ela deriva de um enfoque político técnico-científico que teve início no século XIX e fomentou uma agricultura de lógica industrial que trouxe profundas transformações no meio rural e também no meio urbano.

A agricultura como conhecemos hoje, chamada de convencional, é, na verdade recente e teve início na década de 60 com o modelo que ficou conhecido como Revolução Verde. Apesar de nova, seu desenvolvimento se deu de forma rápida e resultou na criação de uma nova lógica de produção e de uso de insumos (ALBERGONI, PELAEZ 2007).

O Brasil tem revelado uma contradição histórica no seu desenvolvimento na esfera rural. De um lado o país é reconhecido como uma das maiores potências agrícolas, graças ao padrão de ocupação do espaço fundado em grandes e modernos monocultivos (TOLLEFSON, 2010). Por outro lado, tem sido citado como referência em ações públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, com base em princípios ecológicos (SEVILLA GUZMAN, 2002; GONZÁLEZ DE MOLINA, 2009). Para entender melhor a evolução desse paradigma, temos que voltar na década de 60 e compreender o contexto do desenvolvimento desses modelos de agricultura.

Como destaca Delgado (1985, p.52), do ponto de vista econômico o período de maior dinamismo e modernização da agricultura – que atinge seu auge na década de 70- e coincidiu com a combinação de um conjunto de circunstâncias como: “boom de produtos agrícolas, capacidade ociosa da indústria, expectativas positivas para os investimentos internos e externos e, ainda, uma política do Estado desenvolvimentista a partir de 67”.

Esse desenvolvimento apesar de ter possibilitado a agricultura Brasileira um grande dinamismo, se caracterizou por uma política agrária excludente que aumentou a concentração de capital e de desigualdades regionais no país, além de alavancar desequilíbrios ecológicos (ASSIS e ROMEIRO, 2002).

As consequências para o meio rural e suas populações foram intensas, principalmente para os que não tinham condições de se adequar ao novo modelo e acabavam excluídos, como

comenta Gonçalves Neto (1997, p. 109), sobre as principais transformações nas relações sociais no campo, ocorridas a partir da segunda metade da década de 1960:

[...] É interessante notar que as transformações que ocorrem no agro, a partir da segunda metade dos anos 60, fortemente pressionadas pela expansão do capital industrial. Ao lado da agressiva transferência de populações para o setor urbano, que é promovido por amplo conjunto de fatores, tais como mecanização, a substituição de culturas intensiva em mão de obra pela pecuária, o fechamento da fronteira, a aplicação da legislação trabalhista no campo, ou simplesmente pelo uso da violência, etc., ocorre também uma reformulação na mão de obra restante no interior das propriedades, com eliminação dos parceiros, agregados, etc., pela disseminação do trabalho assalariado, sobretudo nas grandes propriedades, que se modernizam e se transformam em empresas. Restou às pequenas propriedades a possibilidade da subordinação ao capital industrial, a marginalização, o esfacelamento ou a venda e emigração para os centros urbanos[...]

Hoje apesar da hegemonia do agronegócio no Brasil, que representa 30% do PIB nacional (JANK, 2005), ela não é voltada diretamente para a produção de alimentos para a população, e sim para a exportação de commodities de produtos como soja, algodão, milho e cana de açúcar. Salvo a dificuldade de dimensionar o montante de produtos consumidos pela população e sua importância na economia, com base em tabulações do Censo Agropecuário de 2006, Kageyama, Bergamasco e Oliveira (2006) estimam que a agricultura familiar contribui com 52% do valor da produção, contudo o conceito de agricultura familiar utilizado na pesquisa, foi bem mais abrangente do que o da Lei n. 11.326, considerando todo estabelecimento no qual pelo menos metade da mão de obra utilizada fosse familiar, sem restrições relativas a sua área total ou à origem da sua renda familiar.

Os avanços dos ideais da revolução verde e de seu aparato tecnológico se propagaram de maneira rápida com apoio do governo e da mídia. Apesar disso muitas famílias permaneceram no campo, resistindo sob as pressões do governo militar que abafava ações e protestos dos trabalhadores. Num contexto de abandono e desamparo no campo, criou-se a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e implementou-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), como uma resposta a grave situação que se encontravam os trabalhadores rurais, posseiros e indígenas (BETTO 1981).

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Em plena ditadura, o reconhecimento do vínculo com a CNBB garantiu a CPT a continuidade de realização do seu trabalho. A comissão iniciou seus trabalhos com posseiros na Amazônia, porém rapidamente, a entidade estendeu sua ação para todo o Brasil, se envolvendo também com os atingidos pelos grandes projetos de barragens e,

mais tarde, com os sem-terra.

Com a missão de garantir a permanência e qualidade de vida no campo, a agricultura familiar recebeu um destaque especial no trabalho da entidade, tanto na organização da produção, quanto da comercialização. As ações da comissão se davam por meios das CEBs, que eram núcleos familiares organizadas em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural). São chamados de comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram em uma mesma região (BETTO, 1981).

Esses grupos favoreciam a discussão sistemática sobre as dificuldades sociais impostas pelo rumo que as transformações no campo estavam trazendo. Segundo Petersen e Almeida (2004) foi a partir da valorização desses ambientes locais de organização sócio-política criada pelas comunidades que o movimento de agricultura alternativa deu seus primeiros passos no Brasil; segundo os autores as CEBs partiam de três princípios de ação, que posteriormente vieram a embasar práticas metodológicas praticadas por organizações não governamentais: organização das ações a partir de questões colocadas pelo cotidiano das famílias; as iniciativas inovadoras das famílias (adubação orgânica, adubação verde, controle natural de pragas) e as formas de cooperação local (casa de farinha, roças coletivas, mutirões) eram estimuladas pela igreja, visando aperfeiçoar o uso de recursos locais e para proporcionar maior autonomia às comunidades rurais, junto a um resgate e revitalização de práticas culturais locais.

As críticas ao modelo agrário vigente começaram a ganhar força também no meio acadêmico. Através de livros e publicações, alguns intelectuais na década de 80, iniciam um debate questionando e denunciando o que vinha acontecendo no campo. Destacam-se as publicações de: José Lutzemberg com o “Manifesto ecológico brasileiro: fim do futuro” (1976), reconhecido internacionalmente, nesse livro tece críticas severas ao modelo produtivo, e propunha uma agricultura de base mais ecológica. Outro pioneiro foi Adilson Paschoal, com “Pragas, praguicidas e crise Ambiental” (1979), onde iniciou uma discussão inédita dentro da USP, Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ), sobre os efeitos dos agrotóxicos sobre os ecossistemas. Ana Maria Primavesi, que em 1980 publico o livro “O manejo ecológico do solo” (1980), criticando a utilização de tecnologias importadas no manejo do solo. De acordo com EHLERS (1996) na época, essas publicações não foram bem recebidas por órgãos de pesquisa e extensão e nas escolas de agronomia, porém em outro pequeno segmento, a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo – AEASP se identificou com esses ideais, levando em 1978 a formação de um grupo de agricultura alternativa.

Em 1981 em Curitiba, após algum acúmulo sobre a temática, foi realizado o I Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (EBAA's), um marco para o Movimento de Agricultura Alternativa que tinha como lideranças a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) e a Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB). Subsequentemente foram somados outros movimentos sociais como: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento Estudantil, na década de 80 ocorrem mais três EBAA'S em 1984, 1987 e em 1989. (LUZZI, 2007)

O evento só cresceu, e na IV edição contou com a presença de mais de 4 mil pessoas, proporcionando um espaço de debate, com a presença de especialistas, entidades do governo, ONG's e estudantes. Após o IV EBAA tentou-se de dar continuidade aos encontros, porém o movimento desacelerou, principalmente pelo enfraquecimento da FEAB e FAEAB. Nos locais em que os grupos eram fortes e presentes, continuou-se a ter uma atuação regional e foram realizados eventos menores, como os Encontros Regionais de Agricultura Alternativa (ERAA's), tendo agora a juventude como protagonista.

Na década de 90 o uso do termo Agricultura Alternativa se torna genérico e não caracteriza mais um padrão nem corpo técnico determinado, mas um conjunto de movimentos alternativos (JESUS, 1996). A partir de trabalhos como o de: Altieri (1989), Gliessmann (1990) e Carrol (1990), o termo Agroecologia começa a ser adotado no Brasil.

A Agroecologia diante de uma perspectiva científica, se destaca por fazer uso de diversas áreas que vão além de aspectos agrônômicos de produção, como mostra Sevilla Guzmán (2002, p.202):

[...] manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva que apresentam alternativas à crise de modernidade, mediante propostas de desenvolvimento participativo desde os âmbitos da produção e da circulação alternativa de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e de consumo que contribuam para o enfrentamento da crise ecológica e social e, desta maneira, possam ajudar a restaurar o curso alterado da coevolução social e ecológica. Sua estratégia tem uma natureza sistêmica ao considerar a propriedade, a organização comunitária e o restante dos marcos de relações das sociedades rurais, articulados em torno à dimensão local, onde encontram os sistemas de conhecimento portadores do potencial endógeno e sócio-cultural. Tal diversidade é o ponto de partida de suas agriculturas alternativas, a partir das quais se pretende o desenho participativo de métodos de desenvolvimento endógeno, para estabelecer dinâmicas de transformação em direção às sociedades sustentáveis.

E também Caporal e Costabeber (p13-16, 2002):

[...] em essência, corresponde à aplicação de conceitos e princípios da Ecologia, da Agronomia, da Sociologia, da Antropologia, da ciência da Comunicação, da Economia Ecológica e de tantas outras áreas do conhecimento, no redesenho e no manejo de agroecossistemas que queremos que sejam mais sustentáveis através do tempo. Trata-se de uma orientação cujas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais e políticas.

1.2 Redes e a pesquisa na internet

A palavra rede vem do latim *retis*, significando o entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Modernamente, o conceito de rede foi alargado abarcando muitas disciplinas, que vão da sociologia à ciência da computação e comunicações. Segundo Fritjot Capra (2001), redes sociais são redes de comunicação que envolve a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder.

A Internet hoje, cada vez mais vem sendo uma ferramenta de articulação, educação e organização da sociedade civil e movimentos sociais. A troca e o rápido fluxo de informações têm mudado a maneira como as pessoas se relacionam, principalmente, pelos “novos” meios de comunicação que possibilitam a comunicação mediada não somente por computador, mas por todos os periféricos que permitem à sociedade, ou parte dela que tem acesso ao aparato, criar uma realidade online (NOVELI, 2010).

As organizações em rede hoje, quando encabeçada por movimentos sociais ou por causas sociais e políticas, têm como objetivo articular ações e intercambiar informações entre atores e entidades do mesmo campo de atuação, com o intuito de promover uma pressão mais ampla. Essas redes que tiveram um grande crescimento junto aos avanços da internet e das redes sociais, hoje estão se utilizando cada vez mais dessas ferramentas para as lutas sociais contemporâneas (ANTOUN, 2001; DEIBERT, 2000; GOHN, 2003).

Segundo Malhotra (2006) as pesquisas realizadas com auxílio da Internet estão ficando cada vez mais populares entre os pesquisadores, principalmente devido às suas vantagens, entre as quais figuram: menores custos, rapidez e a capacidade de atingir populações específicas, assim como, do ponto de vista do respondente, é possível responder da maneira que for mais conveniente, no tempo e local de cada um. Porém ao escolher esse método para coleta de dados é necessário estar atento às desvantagens presentes, de maneira a minimizá-las. Das potenciais desvantagens das pesquisas *on-line* a que pode ser considerada como principal é a baixa taxa de resposta aos questionários.

A chegada da Internet colocou um desafio significativo para a compreensão dos métodos de pesquisa. Através das ciências sociais e humanidades as pessoas se encontraram querendo explorar as novas formações sociais que surgem quando as pessoas se comunicam e se organizam via e-mail, websites, telefones móveis e o resto das cada vez mais mediadas formas de comunicação. Interações mediadas chegaram à dianteira como chave, na qual, as práticas sociais são definidas e experimentadas. (HINE, 2005, p. 01)

1.1 Introdução à história da REGA

A juventude no Brasil exerce um papel importante no cenário político, principalmente através do movimento estudantil e do movimento dos secundaristas, que ressurgiu com força o processo de ocupação das escolas estaduais que teve início em 2015 em São Paulo, contra a reorganização proposta pelo Governador Geraldo Alckmin, e se espalhou pelo Brasil. Seu posicionamento político e sua ação contestadora perante o estado durante a ditadura militar marcaram época, e foi objeto de estudo em diversas áreas de pesquisa nas décadas de 70 e 80 como citam Foracchi (1972, 1977), Albuquerque (1977), Sanfelice (1986).

Porém, diferente daquela época onde o Movimento Estudantil era praticamente a única porta de inserção e de atuação política dos jovens, hoje o cenário é bem diferente e se tem uma diversidade de canais onde os estudantes podem se expressar. Como afirma Melucci (1997:12-13), “hoje os movimentos juvenis, tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório nos quais novos modelos culturais, formas de relacionamento, [...] são testados e colocados em prática”.

A partir do ano 2000 e após um acúmulo acerca das concepções sobre as temáticas relacionadas à agricultura alternativa, no ERAA – Nordeste ocorrido em Fortaleza/CE os eventos passam a se chamar Encontros Regionais de Agroecologia (ERA). Com isso se iniciou um processo de articulação dos grupos de agroecologia (GA's) dentro dos espaços da FEAB, no decorrer desse processo de atuação dos GA's, foi discutido a necessidade de cursos de formação e aproximação com entidades como a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA. Tais propostas foram retomadas em 2007 no 50º CONEA (Aracaju/SE), quando o Grupo de Estudos em Agricultura Ecológica (GEAE)/UFPR assumiu o Núcleo de Trabalho Permanente (NTP) de Agroecologia da FEAB, ano em que além das discussões em torno de um Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia (ENGA), também foi realizado em dezembro o I Curso Nacional de Formação em Agroecologia (I CFA) em Piracicaba/SP. (VON WAGNER FAGUNDES; ANTONINO FARGNOLI, 2011).

O GEAE e a FEAB passam a desenvolver uma série de

atividades voltadas a qualificar a comissão organizadora do I ENGA, composta também por GESAF - Grupo de Estudo em sistemas agroflorestais e questões socioambientais, Coletivo Semear, estudantes da PUC-PR, Via Campesina, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Escola Latino Americana de Agroecologia e Rede de Arte Planetária, como relata a Notícias da ABA-Agroecologia - N.9 - Março 2008 apud (VON WAGNER FAGUNDES; ANTONINO FARGNOLI, 2011):

O Grupo de Estudos de Agricultura Ecológica e NTP Agroecologia – FEAB, de Curitiba, está construindo um PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO EM AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, que vai durar 18 meses, iniciando com um curso de capacitação do dia 12-17 de maio de 2008, e terminando no I Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia junto com o Congresso Brasileiro e Latino-Americano de Agroecologia, outubro de 2009 em Curitiba.

No mesmo ano o grupo de Belém/PA, Instituto Agroecológico Raízes da Amazônia (IARA)/UFRA, assumiu o NTP de Agroecologia e durante o Fórum Social Mundial de 2009 em Belém, aconteceu uma importante reunião dos GA's, onde mais de 100 pessoas de diversos grupos puderam se articular para o fortalecimento e organização do primeiro ENGA em Curitiba, junto ao VI CBA (Congresso Brasileiro de Agroecologia) e II CLA (Congresso Latino-americano de Agroecologia).



Figura 1: Reunião dos coletivos durante o Fórum Social Mundial em 2009, em Belém – PA, na área do grupo IARA – UFRA (Fonte: acervo da rede).

Em novembro de 2009 em Curitiba, paralelamente ao VI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) e II Congresso Latino Americano de Agroecologia (CLAA) aconteceu o I Encontro de Grupos de Agroecologia, reunindo cerca de 500 pessoas entre FEAB, Via Campesina e grupos de agroecologia de todo o Brasil. Esse momento foi histórico para a juventude do movimento agroecológico, que não tinha um espaço plural, diverso e de formação para se encontrar e se reconhecer. Apesar da riqueza do encontro, um problema central já se mostrava aos organizadores: à maturidade de um primeiro espaço desse caráter, os grupos se apropriaram pouco dessa ferramenta, levando algumas vezes a esvaziamentos de espaços como plenárias e assembleias.

Já no segundo ENGA no Rio de Janeiro em 2010, apesar de o evento ter sido menor, e ter um caráter menos politizado, foi criada a Rede de Grupos de Agroecologia, uma plataforma online para articulação contínua dos coletivos, objeto de estudo desse trabalho.

Essa rede tem funcionado através de uma plataforma online de comunicação, e também com encontros e ações regionais e nacionais, fortalecendo e conectando ações e

ideias, assim como as redes sociais também vêm fazendo parte da contínua comunicação, divulgação, troca e articulações.

O III ENGA se dá paralelamente ao VII CBA em Fortaleza no ano de 2011. Este evento sofreu com um processo de descontinuidade em sua construção, apesar de ter tido um fecundo pré-ENGA que aconteceu em Matinhos/PR e que, todavia, não teve suas contribuições utilizadas pelo encontro, devido à ineficácia nos repasses e por não ter recebido representantes dos GA's de Fortaleza. O evento representou o auge de um movimento de refluxo desde a euforia do I ENGA; a comissão organizadora garantiu a infraestrutura, sendo pouco propositiva no sentido político-pedagógico. Ao final do encontro o local para o próximo ainda não havia sido definido (FAGUNDES; LADEIRA; OLIVEIRA, 2013).

Em abril de 2012 aconteceu o II Encontro Regional de Agroecologia – Sudeste, organizada pela FEAB e ABEEF em Montes Claros/MG, apesar de o evento não ter sido organizado pela REGA ou ter uma pauta da rede na programação, muitos grupos se organizaram e foram realizando uma plenária e um bate papo para troca de informações sobre a conjuntura local onde atuam cada grupo e estiveram presentes 18 grupos.

Em junho de 2012 o Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável Rio+20, evento que mobilizou a sociedade civil em espaços como a Cúpula dos Povos, que contou com diversas atividades abertas ao público durante a semana do dia 13 de junho. A programação da Cúpula dos Povos foi dividida em vários eventos, e o principal espaço político foi a Assembleia Permanente dos Povos, onde foram realizadas atividades propostas por organizações e movimentos sociais. A REGA se mobilizou e conseguiu um espaço para realizar uma feira de troca de sementes no Território do Futuro, espaço dentro da Cúpula dos Povos, possibilitando um espaço de trocas positivas entre os participantes do evento. Nesse espaço os grupos puderam se articular, e ao fim do evento aconteceu uma assembleia, para se tirar o local do IV ENGA, com quatro diferentes propostas o coletivo acabou decidindo Viçosa/MG como o melhor local, principalmente pela boa articulação dos grupos da região.

O IV ENGA em Viçosa/MG aconteceu em novembro de 2012, e representou uma importante retomada nas proposições políticas da rede, com mais de 400 pessoas o qual possibilitou uma reflexão enquanto coletivo, que vem crescendo e precisa se posicionar e ter diretrizes. Durante o evento outro espaço foi proposto para que se pudesse pensar a REGA e sua composição e organização, e elucidar a ideia da rede que ainda era nova para muitos, neste sentido sendo concebida a ideia da realização de um seminário interno, posteriormente

denominado Sementário da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil que ocorreu em Junho de 2013 organizado pelos GA's cariocas. (FAGUNDES; LADEIRA; OLIVEIRA, 2013), evento focado para a Rede, sua articulação, comunicação, metodologias, etc.

Em 2013 a rede participou do III Encontro Internacional de Agroecologia que aconteceu em Botucatu de 31 de Julho à 3 de Agosto, organizando a feira de troca de sementes do evento. No entanto, em junho de 2013 no Rio de Janeiro, durante o 1º Sementário da REGA, evento importante idealizado no IV ENGA em Viçosa com a ideia e foco em dar energia à construção da identidade da REGA, que a questão das sementes foi levantada como uma das pautas e eixos prioritários da rede. Foi então levantada a necessidade de se consolidar Feiras de Troca de Sementes em todos os encontros/eventos que a REGA fizesse parte.

O V ENGA aconteceu em Porto Alegre/RS no ano de 2013, paralelamente ao VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, e foi um importante momento de se aproximar e estreitar relações com a organização do Congresso, participando ativamente de alguns espaços e da plenária final.

Em 2014 a rede conseguiu oito vagas na comissão organizadora do III Encontro Nacional de Agroecologia a ser realizado em Juazeiro/BA, em maio, evento organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia - ANA. Uma grande conquista da rede, por ser um evento de grande porte com mais de 2000 pessoas e de relevância internacional para a Agroecologia. Também aconteceu o II Sementário em Antonina/PR, que é um importante momento para sistematizar práticas, métodos, ações e campanhas da rede, dar diretrizes e articular estratégias de parcerias. Importante lembrar que o Sementário, evento agora também anual a partir da primeira edição em 2013 no Rio de Janeiro, tem vagas limitadas, com o intuito de trazer pessoas e grupos de todas as regiões do país que estejam dispostas a construir e sistematizar a rede.

Durante todo o ano de 2014 foram realizados mutirões na Ecovila Tibá, em São Carlos/SP, local sede do VI ENGA, foi realizado uma campanha “Plante o ENGA”, e foram feitos 8 mutirões de organização e planejamento do evento, além do plantio dos alimentos para o evento e construção de infraestruturas, como uma cisterna de ferrocimento para garantir de 32 mil litros de água. Em maio a rede participou do III Encontro de Sementes Livres no IF Sul de Minas, em Inconfidentes – MG, apresentando as propostas da rede em um espaço fixo durante o evento. Em maio também a rede participou do III Encontro Nacional de Agroecologia, em Juazeiro – Bahia, um importante evento de âmbito nacional, onde a Rede

pode participar da comissão organizadora, e organizou a feira de troca de sementes do evento, além de participar de um encontro posterior de avaliação do evento, em Luziânia/GO.

Em novembro de 2014 ocorreu a VI edição do ENGA, na cidade de São Carlos/SP, na Ecovila Tibá. Mais um evento autogestionado, e para financiar algumas estruturas do evento foi realizado um financiamento coletivo através de uma plataforma online, onde foram arrecadados 10.240 reais. O evento contou com mais de 700 pessoas presentes, e teve a presença da ABA, que participou de uma mesa redonda no evento, e que ao fim fez o convite para a rede compor uma cadeira no Grupo de Trabalho Juventude.

Em 2015 a rede migrou para a plataforma RiseUp, que é um coletivo autônomo sediado em Seattle nos Estados Unidos e com membros no mundo todo. Com o propósito de apoiar na criação de uma sociedade livre, um mundo com liberdade de querer e liberdade de expressar-se, um mundo sem opressão ou hierarquia, onde o poder é compartilhado igualmente. Fazem isso fornecendo comunicação e recursos computacionais para aliados comprometidos em lutas contra o capitalismo e outras formas de opressão.

A rede também organizou o III Sementário que ocorreu de 04 a 07 de junho de 2015 em Caxambu/MG, e participou do seminário Regional Nordeste da ANA, que foi realizado em Recife nos dias 06 e 07/05/2015, onde um representante da rede esteve presente. Além da organização do ENGA e do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia e IV Seminário Estadual de Agroecologia, que ocorreram em Belém – PA, em 2015.

A REGA, objeto de estudo desse trabalho, se caracteriza por ser uma rede de articulação, presencial e não presencial, que se utiliza de plataformas, softwares e redes sociais para sua comunicação e tomada de decisões. A rede que nasceu em 2010, e conta hoje com mais de 400 usuários, após algum acúmulo e encontros, surge primeiramente como um grupo de e-mails para facilitar a comunicação e articulação. Em seu desenvolvimento a rede fez uso de outras ferramentas complementares como o Skype®, para a realização de reuniões pela Internet através de conexões de voz e vídeo, mas ainda tendo o e-mail como meio central de articulação e tomada de decisões. A rede tem por características a horizontalidade na tomada de decisões, como a rede não é formalizada, não há hierarquia e a descentralização das atividades é uma pauta recorrente. Apesar de não formalizada a rede possui um caixa, onde seu uso passa pela avaliação e bom senso do coletivo.

A rede no início surgiu com a proposta de organização em círculos temáticos, com os seguintes núcleos: 1) Reforma Agrária; 2) Comunidades Tradicionais; 3) Agricultura urbana; 4) Agrofloresta, Recuperação de áreas degradadas e Áreas de Preservação Permanentes e

Sementes; 5)Economia Solidária; 6)Educação, Teia da Vida e Saúde; 7)Permacultura e Bioconstrução. De fato essa divisão organizativa nunca aconteceu, mas todas essas temáticas estão presentes nas discussões e encontros da rede. A rede traz consigo algumas campanhas, sendo as principais:

- **Plante o ENGA:** Estímulo aos Grupos de Agroecologia (GA's) e organizações que compõem a REGA para que cultivem os alimentos, sementes e mudas que, em eventos como o ENGA, o Sementário, ERGA ou outros espaços promovidos pela Rede, serão compartilhados entre os participantes destes momentos, contribuindo assim com a interação e o intercâmbio dos diversos saberes e sabores que fazem parte da miríade alimentar e cultural Agroecológica. Além disso, os coletivos passam a ativamente colaborar com a construção dos eventos, promovendo-se assim o apoio-mútuo e a solidariedade entre as pessoas e coletivos envolvidos. Caso não haja produção própria entre os GA's e coletivos incentivamos que, por meio das articulações locais/regionais das organizações, se acesse e se adquiram alimentos, sementes e produtos da sociobiodiversidade da agricultura camponesa ou do extrativismo agroecológico para que assim fortaleçamos as iniciativas agroecológicas locais bem como enriqueçamos nossos encontros com a diversidade e a abundância alimentar de cada localidade e biorregião, semeando-se assim o diálogo e o partilhamento plural de saberes e sabores.

- **Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida:** A campanha é construída por mais de 100 entidades nacionais desde 2011, e tem o objetivo de sensibilizar a população brasileira para os riscos que os agrotóxicos representam, uma vez que desde 2008 o Brasil vem ocupando o lugar de maior consumidor de agrotóxicos no mundo, e anunciar um novo modelo de produção de alimentos baseado na Agroecologia. A REGA é uma das entidades que integra a campanha, denunciando ao longo do ano os impactos causados pelos agrotóxicos e a partir da Agroecologia propondo alternativas ao modelo agrícola moderno hegemônico vigente em nossa sociedade.

- **Maião Agroecológico:** Grupos de agroecologia realizam atividades simultâneas durante o mês de Maio, articulando o movimento da agroecologia em cada região – tomando ruas, quintais, terrenos baldios, praças, escolas e universidades com oficinas, seminários,

mobilizações e o que emergir em cada local. O Maio Agroecológico surge pela ideia de uma potencialização e solidariedade junto às jornadas do Abril Vermelho e a luta pela terra.

- **Sementes Crioulas:** As sementes crioulas surgiram como bandeira da rede naturalmente, pela grande presença e abundância das mesmas nos encontros, sendo logo reconhecida e potencializada como um símbolo de luta da rede. As Feiras de troca de sementes são um eixo central de atuação da Rede durante seus encontros nacionais, pela participação da REGA na promoção de feiras em eventos em parceria com outras organizações e articulações bem como fomentadas por parte dos coletivos que a integram em suas respectivas localidades de atuação. Nessa perspectiva a realização das Feiras de Trocas de Sementes Crioulas é um momento de ânimo mútuo, de troca de experiência, como também um momento de divulgação do assunto para toda sociedade: Campo e Cidade precisam estar juntos no cuidado da biodiversidade.

O site: <https://regabrasil.wordpress.com> conta um pouco da história, do trabalho desenvolvido pela rede, além da divulgação de atividades e eventos. O site também conta com uma plataforma de cadastro de grupos para mapear e sistematizar as experiências de grupos e coletividades agroecológicas do Brasil. Esse cadastro conta hoje com 86 coletivos de 23 estados, porém isso não significa que todos participam e movimentam a rede, e sim que muitos deles conheceram o trabalho da rede e se interessaram de alguma forma.

Esse trabalho vem tentar elucidar e entender o panorama de organização da juventude agroecológica articulada pela Rede de Grupos de Agroecologia – REGA de 2010 até 2015, a partir de diversos grupos e coletivos, com uma gama diversa de militâncias, atuações e ideias. A partir de documentos e artigos, e através da rede de e-mail, primeiramente foi traçado um panorama histórico da agroecologia no Brasil até a fundação da rede, seu desenvolvimento e principais atuações. Em um segundo momento foi analisado a lista de e-mails e os questionários aplicados aos participantes da rede através da plataforma Google Drive.

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é verificar o papel que a REGA vem exercendo na articulação dos grupos e entre os grupos de agroecologia do Brasil que fazem parte da mesma.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as características de cada grupo.
- Analisar como tem se dado a participação dos grupos na rede, e os assuntos em pauta.
- Entender como tem se dado a articulação dos grupos em escala local/regional/nacional.
- Verificar o papel da rede na construção de propostas e ações dos grupos.
- Compreender as principais dificuldades de articulação dos grupos.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho contará com a pesquisa de documentos, tanto de produção acadêmica (pesquisa bibliográfica), quantos documentos internos do grupo de e-mails, atas de reuniões e documentos gerados em encontros, que contam a história dos grupos e do desenvolvimento da rede e dos encontros. A pesquisa de comunidades online é recente e se usou o conceito da Netnografia ou etnografia virtual para fundamentar.

Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente online tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica. (HINE, 2000, p. 21)

Grandes partes dessas informações estão acessíveis no próprio grupo de e-mails e em documentos gerados em encontro e reuniões. A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LÜDKE; ANDRE, 1986)

Além da análise documental, foram aplicados questionários semiestruturados em forma de questionário online, baseados no autor Bernard (2006) em forma de questionário online, o autor ressalta que as entrevistas online são de grande valor, quando as pessoas não precisam de muitas informações extras, que é o caso desse trabalho, onde os participantes já fazem parte da rede. Foi utilizada a plataforma Google Drive que disponibiliza a criação de

formulários e tabulação automática das respostas. O método de questionário online foi escolhido, pois à distância de alguns grupos não possibilita a entrevista direta e a plataforma online já existente facilita a comunicação e possibilita o uso da própria rede.

Antes do questionário ser utilizado na pesquisa, verificou-se a efetividade dos mesmos utilizando um questionário teste em um dos encontros da rede, com o intuito de averiguar a ordem das perguntas e sua clareza e objetividade.

O convite foi enviado a todos os participantes da rede (408), através de um e-mail, nesse foram apresentadas as ideias centrais do trabalho e foi feito o convite para que membros dos grupos representassem o coletivo respondendo o questionário, que trata tanto de questões pessoais, quanto do coletivo. Também foi feita uma recomendação da quantidade de pessoas por grupo que deveriam responder o questionário, que no caso seriam dois representantes de cada grupo, respondendo de forma independente.

O questionário ficou disponível de outubro de 2015 a março de 2016, o registro dos dados foi realizado automaticamente pela própria plataforma do Google Drive e enviado ao autor. O sigilo da identidade é garantido usando-se apenas números para se referir aos entrevistados e as respostas obtidas pelos mesmos.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética através da Plataforma Brasil (A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP), e foi aprovado com a data de relatório no CEP 19/05/2015, com o número de parecer 1.111.016.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram respondidos 22 questionários, totalizando 22 grupos. Com algumas pessoas representando mais de um grupo, e outras que participam do mesmo grupo.

4.1 Caracterização dos participantes

Para fazer uma breve análise dos 22 entrevistados, foi feita uma divisão por faixa etária dos participantes, dividindo em três: dos 20 aos 25, 26 aos 29 e 30 ou mais.

Tabela 1: Dados etários dos participantes.

Faixa etária	20 aos 25 anos	26 aos 29 anos	30 anos ou mais
Nº de pessoas	11	7	4

Isso mostra a grande contribuição da juventude para a rede, considerando aqui juventude a faixa etária de 15 a 29 anos de idade, conforme o Plano Nacional da Juventude (BRASIL, 2004).

Em relação a ocupação, na faixa dos 20-25, todos se declararam estudantes, apenas dois se declararam também professor/estudante e artesã/estudante. Na faixa etária dos 26 aos 29, temos sete pessoas das quais, quatro se declararam estudantes, com dois exercendo outras funções: um educador e outro sendo bolsista. Outras ocupações foram mestrandia/mãe, gestora ambiental/militante e educador. Na pesquisa apenas um participante não está ligado a universidade, e apenas um frequenta universidade particular, 14 estão ligados a Universidades Federais e seis a Universidades Estaduais, o que mostra a relevância das Universidades Públicas na rede.

4.2 Caracterização geral dos Grupos

A criação da rede se deu após o II ENGA, no fim de 2010 até abril de 2015, onde migrou para a plataforma Riseup®, durante este período o grupo de e-mails Yahoo® foi a principal plataforma de comunicação da rede. Esse grupo de e-mails, gravava automaticamente o histórico de mensagens enviados. Abaixo podemos ver a imagem com o fluxo de mensagens desde dezembro de 2010, criação da rede, até Abril de 2015.

Enviar mensagem : regabrasil@yahoogrupos.com.br
 Assinar : regabrasil-subscribe@yahoogrupos.com.br
 Cancelar inscrição : regabrasil-unsubscribe@yahoogrupos.com.br
 Listar proprietário : regabrasil-owner@yahoogrupos.com.br

Histórico de mensagens

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2015	78	80	77	1								
2014	12	60	126	217	182	83	27	59	71	94	152	220
2013	6	31	24	25	30	30	25	34	33	26	45	28
2012	30	38	89	169	134	70	79	67	12	34	11	19
2011	22	42	14	57	58	34	23	71	27	49	108	73
2010												9

Figura 2: Tabela de e-mails compartilhados no Grupo por Meses nos Anos de 2011 a 2015, organizado automaticamente pela própria ferramenta Yahoo Groups®, acessado em 01/02/2016.

Em junho de 2013 o grupo no Facebook® foi criado, como Rede de Grupos de Agroecologia – REGA Brasil, tendo atualmente 243 membros e facilitando a comunicação e divulgação de materiais em outros espaços, mas ainda tendo o e-mail como principal canal de comunicação e tomadas de decisões.

A fim de compreender os conteúdos tratados nos e-mails, foram escolhidos quatro e-mails mensais para análise de conteúdo, a partir de janeiro de 2011 até março de 2015. A escolha dos e-mails procedeu-se da seguinte forma: foi selecionado um e-mail a cada sete dias, o 1º escolhido foi sempre o primeiro enviado no mês, os três subsequentes foram selecionados sequencialmente. Ou seja, se o primeiro e-mail foi enviado no dia 1, o próximo escolhido será no dia 8, o seguinte no dia 16 e o último no dia 24. Se não houver e-mails no dia correspondente, o próximo e-mail foi automaticamente escolhido.

Com o intuito de entender mais profundamente as temáticas tratadas nos e-mails da rede, os mesmos foram divididos em quatro eixos, que permeiam as principais discussões na rede: Articulação Nacional; Articulação Regional; Material Técnico/ educativo/ de formação política, Eventos/Cursos/Oportunidades de trabalho/Editais, que são assuntos que são à base de discussão da rede.

Articulação Nacional engloba todos os assuntos que tratem de eventos nacionais organizados pela rede, articulações e decisões sobre a rede numa perspectiva ampla.

Articulação Regional e local envolve assuntos que tratam as pautas de alguns grupos de uma região, encontros menores e locais organizados pela rede ou por grupos da rede, e perspectivas de articulação de alguns grupos.

Material Técnico/ Político/ Pedagógico: tratam de materiais, cartilhas textos, discussões políticas e pedagógicas, que são publicados para provocar a discussão e a construção de identidades e ideias, além da disseminação de conteúdo informativo e de formação.

Eventos/Cursos/Oportunidades de trabalho e Editais: é a divulgação de evento não organizado pela rede, divulgação de cursos, oportunidades de trabalho e de editais, seja para grupos, pessoas físicas e jurídicas.

A partir desses quatro eixos temáticos, os e-mails foram analisados enquadrados em um eixo pelo autor, de acordo com o título e conteúdo:

Tabela 2: Dados dos e-mails enviados na rede de 2011 a 2014.

Anos	2011	2012	2013	2014	2015	Total de e-mail enviados = 204
Articulação nacional	21	20	19	28	4	92
Articulação regional e local	7	4	12	2	2	27
Material Técnico/ Político/Pedagógico	6	11	10	15	5	47
Eventos/Cursos/Oportunidades	14	13	7	3	1	38

A REGA conta com 86 grupos cadastrados na página da rede, e mais de 400 pessoas na lista de e-mails. Pelas características da rede é difícil estimar quantos grupos ou pessoas são realmente atuantes e participam da construção da rede ativamente. Participaram da entrevista 22 pessoas e a fim aprofundar os assuntos em pauta na rede além dos e-mails analisados, foi feita a pergunta “Qual o principal assunto que o seu grupo costuma participar e interagir na REGA”? De 22 respostas, sete foram “Articulação Nacional”, duas “Articulação Regional”, cinco “mutirões e cursos”, três “organicidade” e cinco foram “outros”.

A partir dos e-mails e dessa pergunta, podemos enxergar como a articulação nacional é o principal assunto que permeia as discussões da rede, por outro lado, a articulação regional foi o assunto menos tratado, talvez um dos motivos seja porque em 2014 os grupos do Estado de São Paulo, que é um estado com uma grande participação na rede, criaram uma rede paralela para se organizarem chamada Micorrizadas, já sinalizando a importância de fortalecer esse regionalismo de outras formas, que não na mesma plataforma, que tem seu caráter nacional.

Os 22 participantes, representaram 22 grupos. Destes, alguns representavam o mesmo grupo e outros mais de um. Todos os grupos que participaram da pesquisa são da região Sudeste e Sul do Brasil, talvez pela maior concentração de universidades e onde os grupos mais antigos e estruturados estão presentes.

Tabela 3: Localização dos grupos por Estados Brasileiros.

Estados	SP	RJ	MG	ES	PR	SC	RS
Nº de grupos participantes	7	6	4	1	1	1	2

Em relação ao tempo de existência dos grupos, 15 tem menos de 10 anos e sete grupos têm mais de 10 anos de existência. O Grupo de Agricultura Ecológica Kapi'xawa é o mais antigo com 29 anos, e o mais recente é o coletivo Filhos da Folha com dois anos. O número de integrantes dos grupos participantes da entrevista foi dividido em três categorias: menos de 10 participantes, entre 10 e 30, e mais que 30. Quatro grupos não informaram a quantidade de membros, quatro tem menos que 10 integrantes, 13 têm entre 10 e 30 integrantes. Apenas a Rede Ecovida, uma rede ampla que atua no Sul e Sudoeste do Brasil apresentou 15000

integrantes, que são os agricultores e suas famílias beneficiadas pela rede. A participação do grupo em si na rede, muitas vezes se dá de formas diferentes entre os membros do coletivo. Alguns representantes, por empatia pelo trabalho da rede ou por outros motivos, tem mais contato com a rede e repassa os informes, discussões e encontros. A pergunta “O grupo acompanha os e-mails da REGA?” foi feita também para esclarecer se o participante sabe quem acompanha os e-mails ou não.

Tabela 4: Resposta dos participantes da entrevista sobre o acompanhamento de e-mails da REGA.

O grupo acompanha os e-mails?	Número de pessoas
Sim	9
Não	2
Algumas pessoas	10
Não sei	1

Ainda para entender a participação e interação dos participantes na rede foi feita a pergunta “Você conhece as ações da rede?”, dos 22 participantes, quatro não souberam responder e as principais temáticas foram:

Tabela 5: Resposta dos participantes da entrevista sobre o conhecimento das ações da rede.

Você conhece as ações da rede?	Número de citações
Sementes/feira de sementes	8
ENGA/Plante o ENGA	4
Maior Agroecológico	4
Sementário	5

Mutirões	3
Articulação dos grupos	4
Campanha permanente contra agrotóxicos e pela vida	2
Parceria com ANA e ABA	3

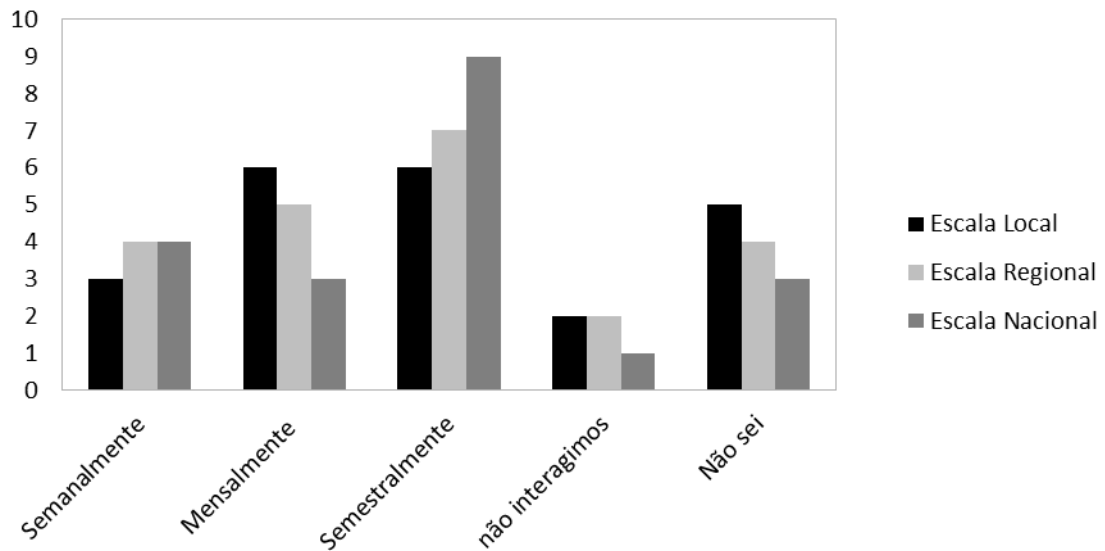
Aqui pode-se notar uma baixa citação da campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida, talvez por ser uma campanha não encabeçada pela rede, mas sim que a rede apóia. De certa maneira é importante debater como e em que espaços esse apoio e participação pode acontecer.

A comunicação é essencial para o bom andamento de qualquer atividade coletiva. Hoje a comunicação de uma rede se dá de várias formas, por meio de uma gama de plataformas e aparelhos. Apesar da facilidade e velocidade gerada por essa aproximação que a comunicação pela internet tem possibilitado na pesquisa todos os grupos realizam encontros presenciais periódicos e também fazem uso de alguma plataforma para comunicação interna. A plataforma de comunicação mais utilizada foi o E-mail, citado 16 vezes, em seguida do Facebook® nove vezes e Whatsapp® cinco vezes.

Quando perguntado qual a importância do uso das plataformas para a comunicação do grupo, em uma escala de um a cinco, sendo um o não uso de plataforma e cinco como essencial para o grupo. Oito pessoas consideraram como essencial, seis pessoas responderam quatro, quatro responderam três, uma respondeu dois e três responderam um.

A atuação da rede se dá em três escalas: local, regional e nacional. Porém com o tamanho da rede, o debate interno nas escalas locais e regionais pode sobrecarregar a rede de e-mails, enviado para muitas pessoas que não é dessa região e não tem ligação nenhuma com ela. No questionário foi perguntado com que frequência se dá a participação e interação do grupo na rede, nas escalas: Local, Regional e Nacional. A resposta foi de múltipla escolha, onde se tinham as seguintes alternativas: a) Semanalmente, b) Mensalmente, c) Semestralmente e d) outros, para cada escala, como apresentados no gráfico 1:

Figura 3: Frequência da participação e interação dos grupos na rede, nas escalas: local, regional e nacional.



Foi considerado como “não sei”, respostas como: “às vezes” ou “varia”. Com os dados apresentados anteriormente, se nota uma das problemáticas da rede, onde parte dos participantes não sabe quais são as ações da rede, não sabem como e com que frequência o grupo interage, nem se o grupo interage. Uma das problemáticas que a rede vem enfrentando é a centralização nas ações e tomada de decisões, principalmente pela forma como ela tem se organizado: valorizando a descentralização e a autogestão, que é um desafio para muitos coletivos, e movimentos hoje, como sugere Luchmann e Cayres (2010), as transformações do mundo contemporâneo requerem manter e reforçar a autonomia como um valor, porém não se pode abandonar uma postura propositiva, participativa e institucionalizada, regidos pelo lema de “governar-se somente pelas suas próprias leis” (Nedelsky, 1989). Sedimenta-se, assim na crença de que “a lei para si próprio” não é produzida pelo indivíduo isolado, mas é construída em conexão com os outros e só é compreensível em referência às normas, valores e sentimentos que são compartilhados. Apesar de ser difícil avaliar o quão constante tem sido essas centralizações na rede, de fato elas acontecem e podem funcionar como uma bola de neve, pois o acúmulo de responsabilidades tendem a aumentar a distância do fazer das lideranças para com o restante dos atores.

Muitos dos coletivos que integram a rede têm vínculos com a universidade. Esse vínculo se dá principalmente através de projetos de extensão com bolsas de extensão ligadas a

Pró-reitoria de Extensão e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Dos grupos participantes, apenas quatro grupos/coletivos/redes atualmente não possuem nenhum vínculo formal com a universidade.

Dos grupos integrantes dessa pesquisa, dez recebem bolsa de extensão e desses, quatro também recebem bolsas do CNPQ, através de iniciação científica junto ao grupo ou da Chamada MDA/CNPQ N° 38/2014 em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Agrário para fortalecimento dos Núcleos de Agroecologia – NEA's. Outras formas de fomento também foram relatadas, como o programa Petrobras Ambiental, Rede Sul de Núcleos de Estudo de Agroecologia (RESNEA) e bolsas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Aqui vale ressaltar a importância da universidade na promoção da agroecologia, porém, também, a fragilidade com que esses grupos estão submetidos com o financiamento universitário para a realização de suas atividades. Com os cortes realizados no ano de 2015, que nas três estaduais paulistas somam mais de 230 milhões e nas universidades federais que vem sofrendo cortes consecutivos desde 2014, além do teto imposto por Geraldo Alckminn do máximo de 9,57% da arrecadação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Na lei anterior, de 2015, 9,57% era o mínimo a que as mesmas instituições tinham direito.^{1 2*}

A organização agroecológica em rede traz as mais diversas contribuições para os grupos e para a agroecologia, a tabela a seguir traz as principais citadas:

Tabela 6: Contribuições da rede para os grupos.

Contribuições da rede para o grupo	Número de Citações
Inspiração e Esperança	4
Articulação	9

*acessado em 15/08/2016 ¹ <http://www.esquerdadiario.com.br/E-o-maior-corte-de-verbas-na-USP-UNESP-e-UNICAMP-em-7-anos-mas-os-estudantes-e-trabalhadores>

acessado em 15/08/2016 ² <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/alckmin-impoe-teto-de-repasse-para-universidades-estaduais.html>

Visibilidade	2
Troca de Saberes	10
Militância política	5
Variedades de sementes	3
Organicidade e autonomia	3

A diversidade de citações mostra como a rede atua em diversos aspectos junto aos coletivos não só articulando e promovendo uma troca de saberes, mas também fortalecendo aspectos da militância política e também dando esperanças e inspiração aos grupos em seus respectivos trabalhos.

Outro aspecto analisado da rede foram suas forças e fraquezas, essa análise é parte de uma metodologia chamada de matriz S.W.O.T, que é um acrônimo das palavras Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats, que significam respectivamente: Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças, no Brasil mais conhecida como F.O.FA, essa metodologia criada Albert Humphrey da Universidade de Stanford na década de 1960, foi muito utilizada para gestão de pessoas, e hoje também é adotada para diagnósticos participativos, aqui ela foi utilizada em parte. Dentre as fortalezas mais citadas se destacam:

Tabela 7: Percepção dos entrevistados em relação às fortalezas da rede.

Fortalezas	Número de citações
Vontade	7
Espírito Jovem	5
Horizontalidade e Autonomia	5
Confiança	5
Diversidade	4

As fraquezas mais citadas foram: envolvimento falta de interesse político, comunicação, autogestão, amadurecimento, recursos financeiros, parcerias com agricultores e comunidades tradicionais.

Tabela 8: Percepção dos entrevistados em relação às fraquezas da rede.

Fraquezas	Número de Citações
Envolvimento	3
Falta de Interesse político	2
Comunicação	4
Autogestão	3
Amadurecimento	2
Recursos Financeiros	2
Parceria com Agricultores e Comunidades Tradicionais	3

Podemos notar horizontalidade/autonomia e autogestão se repetem nas fraquezas e forças, reforçando a necessidade de se trabalhar esse ponto com profundidade. Seguindo e transpondo esta perspectiva para o plano do associativismo, Cayres (2009) traz a ideia de autonomia relacional, autonomia que se flexibiliza na presença de vários elementos, tais como os recursos disponíveis, a trajetória e o perfil dos integrantes, os contextos político-institucionais e a consolidação de espaços institucionais, onde a chave desta operação esta na participação, interação e no relacionamento - onde o relacionamento social não é a antítese da autonomia, mas a sua pré-condição. (Nedelsky, 1989, p.12)

A REGA hoje apresenta parcerias com a Articulação Nacional de Agroecologia e com a Associação Brasileira de Agroecologia, participando de reuniões com as diretorias, seminários e encontros. Convidada a participar do Grupo de Trabalho Permanente de Juventude da ABA desde o ano de 2014, a rede deu seus primeiros passos com cautela,

valorizando a discussão interna sobre o tema, e discutindo como vai se dar essa participação. Outra parceria que já está estabelecida é a construção junto a ABA e outras entidades do Congresso Brasileiros de Agroecologia.

A parceria com a ANA tem se dado através de espaços em plenários, seminários e reuniões junto à diretoria da entidade. Essas parcerias são de extrema importância para a agroecologia em si, pois a rede vem desconstruindo a forma de se organizar, mostrando que é possível criar um ambiente de horizontalidade e que a juventude quer ter voz nos espaços de decisão, e também desconstruindo o caráter de muitos dos grandes eventos agroecológicos que se assemelham com grandes eventos de empresas, por vezes afastando os movimentos sociais e agricultores, como no VII Congresso Brasileiro de Agroecologia em Fortaleza/CE, onde os participantes do ENGA, que acontecia paralelamente, junto a muitos agricultores fizeram uma manifestação e ocuparam o espaço do congresso, um grande salão de eventos no dia do encerramento, trazendo uma encenação que criticava o espaço do congresso, e que foi acolhida pelo Francisco Caporal que estava discursando no momento, e que deu a palavra e microfone para a leitura de uma carta que havia sido preparada, segue um trecho da mesma:

[...] Nós, da REGA (Rede Nacional de Grupos de Agroecologia), buscamos a ruptura com os modelos hegemônicos vigentes. O sistema de produção capitalista, educação mercantilizada, desvalorização cultural dos povos, marketing verde, relações sociais corrompidas e apropriação da natureza são obstáculos que impedem a Agroecologia de avançar abarcando todas as dimensões essenciais de sua visão holística. Buscando maior coerência entre os ideais e princípios com a prática agroecológica, o ENGA é construído coletivamente, sem fins lucrativos, priorizando alimentos de produtores locais agroecológicos e relações solidárias. Há o esforço constante para que o compartilhamento e a construção dos saberes aconteçam de forma acessível, flexível, crítica e criativa. É necessário que todas e todos trabalhem juntos para minimizar as contradições que vem ocorrendo nos Congressos Brasileiros de Agroecologia e outros espaços do movimento agroecológico, inclusive o próprio ENGA. Em nosso terceiro encontro, que ocorre anualmente, nos vemos em pleno processo de amadurecimento e consolidação dos meios organizativos. (Carta da REGA, III ENGA, Fortaleza/CE, 2011)

Quanto ao posicionamento da rede sobre a parceria com ONG's, órgãos públicos e instituições privadas, cinco se mostraram a favor, cinco se mostraram favoráveis desde que não haja direcionamentos destes para a rede e que a mesma seja autônoma. Nove disseram que o grupo não tem posicionamento sobre o assunto, e três não se posicionaram.

Desde sua criação, nunca foi feita uma discussão sobre a possibilidade de formalização da rede, apesar de já constituir espaços de decisão importantes e participar na

organização de grandes eventos, sempre se buscou fugir da burocratização, valorizando a autonomia e autogestão. A REGA hoje possui um caixa, que fica depositado em contas-correntes de alguns participantes que se dispõe a receber esse valor. Quando perguntados sobre a visão do grupo sobre a formalização da rede, os participantes responderam: Não discutimos isso coletivamente – 11, Sim somos a favor- cinco, Não somos a favor – cinco. Todos os que responderam sim, argumentaram que com a formalização a rede conseguiria ocupar mais espaços institucionais, angariar mais recursos. Quem respondeu contra, argumentou que não há necessidade, pois a característica principal da rede é sua autonomia e autogestão, também foi dito que muitos coletivos ou pessoas tem CPNJ, e caso a rede precisasse de um, poderia utilizar.

A última pergunta do questionário foi: Qual a importância da rede para a articulação da agroecologia no Brasil? E as respostas talvez reflitam um pouco do trabalho e da rede como um todo. Foram reunidos alguns conceitos e palavras chave das respostas, pois muitas eram muito extensas e traziam um gama de ideias: diversidade; juventude; multiplicação de conhecimento aberto; união de protagonistas; juventude que pensa a agroecologia; sabedoria do coletivo; autonomia; unificação de forças locais; peso na representatividade; horizontalidade; difusão de práticas e técnicas; política com diversidade; fortalecimento do território agroecologia dentro de instituições de ensino; metodologias inovadoras e horizontais. Todas as respostas se iniciaram com os termos, muito importante, importantíssima, de suma importância, imensa, grande. Assim podemos ver que a rega é de fato um agente articulador da agroecologia em âmbito nacional, tendo diversos campos de atuação e sempre trazendo a questão da juventude com preceitos de autonomia, diversidade com metodologias horizontais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil é hoje uma referência quando se fala em juventude e agroecologia. Esse trabalho veio como uma forma de tentar contribuir e devolver um pouco do aprendizado ao longo de alguns anos junto aos grupos e coletivos, que apresentam uma diversidade riquíssima e muito brilho nos olhos, fundamental para a manutenção e equilíbrio da rede.

A rede que possui um caráter universitário tem expandido cada vez mais suas ações e

feito parcerias com entidades relevantes para o desenvolvimento da Agroecologia no Brasil, como a ANA e a ABA. Essas parcerias que são importantíssimas tanto para a rede, quanto para a agroecologia e seus diversos atores, e é um desafio para a rede que trabalha para se manter coesa em seus princípios de autogestão e autonomia, mesmo ocupando e disputando espaços importantes de decisão. Por seu caráter universitário, a rede tem por sua característica uma rotatividade grande de pessoas, que muitas vezes entram na universidade, ingressam em um grupo ou coletivo, participam ativamente da rede, mas quando saem naturalmente se distanciam das atividades, e talvez seja importante para pensar estratégias de manter algumas lideranças em atividade em suas regiões de atuação.

A REGA que tem sua militância política pautada pelas campanhas contra os agrotóxicos, manutenção e troca de sementes crioulas e também ao lado de diversas comunidades e movimentos sociais, pela conquista de direitos, territórios, políticas públicas, que de fato são essenciais para o desenvolvimento da agroecologia e da permanência das comunidades no campo com dignidade. A rede vem se destacando pela riqueza e diversidade na troca - entende-se aqui troca de conhecimentos, sonhos, reflexões, valores, técnicas e potência de ação – que realiza, seja nos encontros, ou seja, pelo ambiente virtual. Essa troca educa, e educa no sentido de uma educação não formal, onde segundo Gohn (2005) seus objetivos se constroem pelas interações com o outro, com o qual nos integramos e que nos capacita para sermos cidadãos do mundo, no mundo, gerando: consciência e organização no como agir em grupos, com suas diversidades e adversidades (aprendizado das diferenças), além de pensar e repensar estratégias de como realizar práticas nas comunidades e territórios.

Apesar do avanço da rede, no sentido de visibilidade, parcerias e na sistematização de ações e campanhas, o momento hoje para Agroecologia no Brasil é extremamente delicado. Com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, e as novas medidas que vem sendo adotadas pelo governo de Michel Temer, como a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário, de extrema importância para os movimentos sociais e populações do campo, que atuava não apenas na esfera da representatividade política, aspecto fundamental para a afirmação de minorias, mas, principalmente, por ter sido criado em 1999, ainda na gestão de Fernando Henrique Cardoso, sob muita pressão e após o massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 17 de abril daquele ano, sendo uma enorme conquista.

A transferência das secretarias ligadas à reforma agrária e do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para a Casa Civil, extinguindo a atividade-fim deste Ministério, a fragilização dos Programas Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e de Aquisição de

Alimentos (PAA) pela não liberação de novos recursos neste ano e o contingenciamento progressivo do orçamento voltado para o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), hoje demos um passo pra trás, com um retrocesso indiscutível para a pauta do desenvolvimento agrário e agrícola do Brasil.

A política dos Núcleos de Estudos em Agroecologia - NEA antes financiada pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário, foi mantida, agora sendo financiada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações, porém ao mesmo tempo em que o governo de Michel Temer mantém essa verba destinada aos núcleos, ele anuncia a suspensão do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec, do ProUni e do Programa de Financiamento Estudantil – Fies, e também vai limitar os valores a serem repassados para a educação, que agora será corrigido pela inflação do ano anterior, e não estarão mais vinculados a receita, além de cortes da ordem de 20% no repasse para universidades federais em 2017, mostrando ao que veio, destruindo políticas básicas de permanência e acesso à universidade pública.

A rede que nasceu com o intuito de articular os grupos do Brasil, ou muitas vezes de apenas reconhecer-se como coletivo, vem mostrando que somente essa articulação a nível nacional não é suficiente para o desenvolvimento regional dos grupos, assim como somente o encontro nacional não vem sendo o suficiente. Com isso novos braços da rede vêm se consolidando, para facilitar a atuação local, e em outubro de 2016 será realizado o primeiro Encontro dos grupos de agroecologia do sudeste - ERGA, em Alegre – ES. Essa articulação estabelecida em 2013, no primeiro Sementário, só veio por se concretizar três anos depois, mas já sinaliza a importância de fortalecer as articulações regionais, que é de extrema importância para o movimento estadual e regional, dando autonomia e força para a atuação nesse esfera de poder.

Este trabalho vem afirmar e confirmar importância que há em cada vez mais darmos atenção para as redes de troca e aprendizagens, estabelecendo um canal de educação não formal potente, que ocorrem em uma sociedade cada vez mais informatizada com o passar dos anos (CASTELLS, 2003)

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. **Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas?** Revista de Economia, v. 33, n. 1 (ano 31), jan./jun. 2007. Editora UFPR.

ALBUQUERQUE, J. A. G. **Movimento estudantil e consciência social na América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ANTOUN, H. **Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia.** In: Revista Famecos, Porto Alegre, n16, dezembro de 2001.

ASSIS, R. L. Globalização, **Desenvolvimento Sustentável e Ação Local: O caso da agricultura orgânica.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília. v. 20, n. 1, p. 79-96, jan./abr. 2003.

ASSIS, R. L.; ROMEIRO, A. R. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 6, 2002.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa.** Trad. P. Vaz. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

BRASIL. Projeto de Lei n. 4530. **Plano Nacional de Juventude.** Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=253927&filename=PL+4530/2004. Acesso em: 23 julho 2016.

BETTO, F. **O que é comunidade eclesial de base?** Ed. Brasiliense. 1981

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: enfoque científico e estratégico.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.3, n.2, p.13-16, abr./mai. 2002.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** 6.ed. São. Paulo: Cultrix, 2001. 256 p.

CARROLL, C. R.; VANDERMEER, J.H. And ROSSET, P. **Agroecology.** New York: MacGraw-Hill, 1990.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DEIBERT, R. J. **International plug'n play? Citizen activism, the Internet, and the global public policy.** In: *International Studies Perspectives*, 1, 255-272, 2000.

DELGADO, Guilherme C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985.** p .52. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma.** São Paulo: Livros da Terra, 1996.

FAGUNDES, A. V. W.; LADIERA, I. F. S.; OLVEIRA, L. A. **O processo de organização dos grupos de agroecologia no Brasil.** *Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol. 8, No. 2, Nov. 2013.*

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Pioneira (Ed. USP), 1972.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

GRAZIANO NETO, F. **Questão Agrária e Ecologia: crítica da moderna agricultura.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e Agricultura no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1997.

GLIESSMAN, S.R. (ed.) **Agroecology: Researching the Ecological Basis for Sustainable Agriculture.** *Ecological Studies Series no. 78.* New York: Springer-Verlag. 1990.

PETERSON, P.; DIAS, A. **Construção do conhecimento agroecológico, Novos Papéis, Novas Identidades.** ANA (Articulação Nacional de Agroecologia). 2007.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: SAGE. Publications, p. 21, 2000.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. In: HINE, Christine (Org.). *Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, 2005.

JANK, M.S.; NASSAR, A.M.; TACHINARDI, M.H. **Agronegócio e comércio exterior Brasileiro**. Dossiê Brasil Rural. REVISTA USP, São Paulo, n.64, p. 14-27, dezembro/fevereiro 2004-2005.

JESUS, E. L. **Da Agricultura alternativa à agroecologia: para além das disputas conceituais**. Agricultura Sustentável Jaguariúna, v. 3, n.1/2, jan/dez 1996.

KAGEYAMA, A.; BERGAMASCO, S. P.; OLIVEIRA, J. A. **Novas possibilidades de pesquisa sobre a agricultura familiar no Brasil a partir do Censo de 2006**. Revista tecnologia e inovação agropecuária, p. 16-27, dez. 2008

LUCHMANN, L.; CAYRES, D. **Associativismo civil, autonomia e participação. Dimensões e desafios de investigação**. V Congresso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LUZZI, N. **O debate agroecológico no Brasil: Uma construção a partir de diferentes atores sociais**. 182 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2007.

MELUCCI, A. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação. S. Paulo: ANPED. 1997.

MOLINA, M. G. **Las experiencias agroecológicas y su incidencia en el desarrollo rural sostenible: La necesidad de una agroecología política**. In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*, p. 17-70. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NEDELSKY, J. **Reconceiving Autonomy**: sources, thoughts and possibilities. In: Yale Journal of Law and Feminism, v. 1, n. 7, p. 7-36, 1989.

NOVELI, M. **Do offline para o online**: a Netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a internet? Organizações em contexto, Ano 6, n.12, Julho-Dezembro 2010.

SANFELICE, J.L. **Movimento estudantil**: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1986.

SEVILLA GUZMÁN, E. **Agroecología y desarrollo rural sustentable**: una propuesta desde Latinoamérica. Em: Agroecología: El camino hacia una agricultura sustentable. Buenos Aires: Ediciones Científicas Americanas, p.202, 2002.

SEVILLA GUZMÁN, E.; OTTMANN, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. **Los marcos conceptuales de la Agroecología**. Em Agroecología: Conceitos e Experiências (Figueiredo MAB, Lima JRT, orgs.). Recife: Bagaço, 2006.

TOLLEFSON, J. **The global farm**. Nature 466: 554-556, 2010.

7 APÊNDICE

Apêndice A - Questionário utilizado na pesquisa

Data: ___ / ___ / ____

Idade:

Sexo:

Ocupação:

Local onde nasceu:

Universidade (se cursa):

Qual Curso?

Grupo/Coletivo que faz parte? A quanto tempo?

1. Como e quando o grupo/coletivo nasceu?
2. Quantas pessoas participam do grupo atualmente?
3. O grupo/coletivo tem vínculos com a Universidade ou alguma Organização? Que tipo de vínculo?
4. O grupo/coletivo tem participação de pós-graduandos, pessoas da comunidade local, agricultores e profissionais? Especificar o número de membros
5. O grupo/coletivo recebe algum tipo auxílio (bolsas, editais, etc.)? Há quanto tempo? Quantas bolsas? Que categoria?
6. Tem professor (a) orientador (a)? Qual a área de estudo do mesmo?
7. Como seu grupo se comunica internamente?
8. São realizados encontros/reuniões com que frequência?

<input type="checkbox"/> Uma vez por semana	<input type="checkbox"/> A cada quinze dias
<input type="checkbox"/> Duas vezes por semana	<input type="checkbox"/> Uma vez por mês
<input type="checkbox"/> Outros _____	
9. O grupo faz uso de alguma plataforma online para comunicação e articulação interna? Qual?
10. Qual a importância da mesma na comunicação do grupo?

1 Utilizada esporadicamente

- 2 ()
- 3 ()
- 4 ()
- 5 () Essencial

11. Quais os principais trabalhos desenvolvidos pelo grupo/coletivo?
12. O grupo/coletivo já realizou algum tipo de publicação/resumo/anais? Quais?
13. Quais as principais dificuldades do grupo?
14. Como o grupo conheceu a REGA?
15. Há quanto tempo o grupo/coletivo faz parte da REGA?
16. O grupo acompanha os e-mails da REGA?
17. Qual o principal assunto que o seu grupo costuma participar e interagir na REGA?
- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Assuntos Internos da rede | <input type="checkbox"/> Mutirões e Cursos |
| <input type="checkbox"/> Encontros Regionais | <input type="checkbox"/> Encontros Nacionais |
| <input type="checkbox"/> Política | <input type="checkbox"/> Outros _____ |
18. É costume compartilhar e divulgar as ações da REGA em outros meios? Se sim, em quais meios?
19. Com que frequência você participa e interage na rede (REGA), tratando de assuntos da escala local?
- Diariamente
 - Semanalmente
 - Mensalmente
 - Semestralmente
 - Outros : _____
20. Com que frequência você participa e interage na rede (REGA), tratando de assuntos da escala regional?
- Diariamente
 - Semanalmente
 - Mensalmente
 - Semestralmente
 - Outros : _____
21. Com que frequência você participa e interage na rede (REGA), tratando de assuntos da escala nacional?
- Diariamente
 - Semanalmente

- () Mensalmente
- () Semestralmente
- () Outros : _____

22. Quais as contribuições a rede proporcionou para o seu grupo/coletivo?
23. Quais contribuições o seu grupo/coletivo proporcionou para a rede?
24. Você criou vínculos e contatos mais fortes com outros grupos/coletivos a partir da rede? Quantos e Quais?
25. A REGA proporcionou uma melhora na articulação (local/regional/nacional) do seu grupo? De que forma isso se deu nas escalas local, regional e nacional?
26. Você conhece as propostas e ações da rede? Quais?
27. A rede deu diretriz e/ou direcionou as ações dos grupos? De que maneira?
28. O seu grupo já organizou encontros e ações da rede? Quais?
29. Existe alguma metodologia usada nas articulações/reuniões/encontros?
30. Qual o posicionamento do grupo perante a parceria da rede com órgãos públicos, ONG, instituições privadas?
31. A rede recebe apoio de órgãos/organizações? Se sim, quais, e como se dá esse apoio?
32. Quais as maiores fraquezas da rede?
33. Quais as maiores fortalezas da rede?
34. Qual a visão do grupo a respeito da formalização da rede (ONG, OSCIP, associação, entre outras formas de formalização com CNPJ) ?
35. Qual a importância da rede para a articulação da agroecologia no Brasil?

Título: O papel da REGA (Redes de grupos de agroecologia do Brasil) na articulação dos grupos de agroecologia do Brasil.

Orientando: Antonio Miranda de Andrade Neto _____

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro _____